

humanitas

Vol. I

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME I

PUBLICAÇÃO SUBSIDIADA PELO «FUNDO
SÁ PINTO» (UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

COIMBRA // MCMXLVII

A propósito de uma versão latina do topónimo camoniano *Scabelicastro*

Como é sabido, Camões empregou a forma *Scabelicastro* ao referir-se, num passo de *Os Lusíadas* (111, 55), à tomada de Santarém por D. Afonso Henriques:

... o sempre ennobrecido
Scabelicastro, cujo campo ameno
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.

Tem esse topónimo por fundamento, segundo a explicação do Dr. José Maria Rodrigues (1), um ant. port. *Cabilicrasto*, que o Poeta leu no historiador quinhentista Duarte Galvão, uma das suas fontes históricas (2), e alterou em *Scabelicastro* para mais o aproximar da base latina respectiva, isto é, de *Scalabicastrum* (*Scalabi-* e *castrum*), equivalente tardio (3) de *Scalabis* (4).

(1) *Fontes dos Lusíadas*, pp. 51-53.

(2) *A Crónica de El-Rei D. Afonso Henriques* de Galvão é obra seguida por Camões na descrição dos feitos do primeiro rei de Portugal. A forma *Cabilicrasto* lê-se no cap. xxxm (*cabilicrasto* na fl. xxix de um ms. quinhentista da Bibi. Ger. da Univ. de Coimbra); e Galvão, como nota J. M. Rodrigues, escreve-a conforme a leu numa das suas fontes, as *Crónicas Breves e Memórias Avulsas de Santa Cruz de Coimbra*.

(3) Bluteau, *Vocabulário Português & Latino*, s. u. *Santarém*, recorda o emprego de *Scalabicastrum* «na lenda da Virgem, & Martyr Santa Iria». E já Gaspar Barreiros, a propósito da mesma lenda, se serve dessa forma na sua *Corografia (Scalabicastru*, ed. de 1561, p. 62).

(4) Plínio, *Nat. hist.*, iv, 22 (35): «Quinta [colonia] est Scalabis, quae Praesidium Iulium uocatur.» Ex. posteriores: Antonino, *hin. (Scalabin)* ; S.to Isidoro de Sevilha, *De uir. illustr.*, cap. xliiv (*Scalabi natus*).

Por outras palavras: Camões combinou, ou melhor, fez o cruzamento de uma velha forma portuguesa. com a sua base latina, e assim condensou em um só topónimo duas tradições vocabulares (1): *Cabilicrasto* -f* *Scalabicastrum* — *Scabelicastro* (2).

Não sendo *Scabelicastro* no texto d'Os *Lusíadas*, apesar de corresponder a um composto latino, outra coisa que simples sinónimo de *Santarém*, e não tendo *Scalabicastrum* pergaminhos literários suficientes para entrar em poesia, parece que o lat. *Scalabis*, geralmente adoptado como equivalente de *Santarém* (3) e amiúde empregado por autores portugueses (4), bastaria, em qualquer hipótese, para reproduzir latinamente aquela forma camoniana. Assim o entendeu Fr. Tomé de Faria, bispo de Targa, um dos tradutores da epopeia camoniana em hexâmetros (5), pois disse no passo correspondente ao atrás citado :

... rex ipse intrat tua moenia Mauris
inuitis, Scalabis, cuius Tagus aurifer arua
irrigat, atque suos fecundat flumine campos (6).

(1) Por este modo nos exprimimos, seguindo a opinião de J. M. Rodrigues, no artigo «Santarém nOs *Lusíadas*», publ. em *Correio do Ribatejo*, n.º de 15-111-1947.

(2) *Scabelicastro*, como cruzamento de *Cabilicrasto* com *Scalabicastrum*. faz pressupor para a primeira destas formas (não o diz J. M. Rodrigues, mas temos de admiti-lo) a pronúncia *Cabelicrasto* (be... /1, dissimilação natural de *bi... li*). Demais, é a forma *Cabelicrasto* que se lê noutra obra quinhentista, a já referida *Corografia* de Barreiros (70c. *cit.*); e tem ela a variante *Cabelicastro* em Duarte Nunes de Leão, *Crónica dos Reis de Portugal*, ed. de 1677, fl. 34 v.

(3) De *Sancta Irene* (por *Sancta Irene de Scalabis*, segundo Leite de Vasconcelos, *Opúsc.*, vol. III, p. 413), com a seguinte evolução: *Sanf Eirene* *Santeirêe* > *Santerem Santarém*.

(4) Bento Pereira não se esqueceu de o registar na sua *Prosodia*. Fr. Pedro de Poiars, *Diccionario Lusit anteo-Latino de Nomes Proprios* (Lisboa, 1667), deu-lhe a grafia *Scallabis*.

(5) V. Nicolau António, *Bibl. Hisp. Nova*, t. 11, p. 302, e Diogo Barbosa Machado, *Bibl. Lusit.*, t. ni, 2.ª ed., p. 740.

(6) Actualizamos a grafia. Na 1.ª ed. da trad. de Faria (*Lusiadum libri decem*, Vlyssipone, 1622; res.o B-16-18 da Bibl. Ger. da Univ. de Coimbra), lê-se *Rex* (depois de ponto e virgula), *maenia*, *Inuitis* (maiúscula inicial de

Diverso, porém, o critério seguido por outro tradutor, o sábio e muito celebrado Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo (1). Com efeito, onde poderia ter utilizado o simples top. *Scalabis*, disse *Scalabis..castrum*:

... et illud
 Scalabis antiquae castrum memorabile, cuius
 et Florae et Cereris felices munere campos,
 tu Tagus auriferis placidissimus alluis undis (2).

Certamente a construção macéutica foi sugerida pela estrutura da palavra camoniana: diante de urna forma composta, o

verso), *Irrigat* (id.) e *faecundat*, e não há vírgula a seguir de *Inuitis*; na 2.^a ed. (ap. *Corpus illustr. poet. Lusit. qui Latine scripserunt*, t. v, Lisbonae, M. DCG. XLV), lê-se *Rex* (também depois de ponto e vírgula), *maenia*, *Inuitis*, *cujus*, *arva*, *Irrigat* e *faecundat*, mas já há vírgula entre *Inuitis* e o voc. *Scalabis*.

É igualmente por *Scalabis* (acus. *Scalabim*) que o mesmo tradutor verte o top. *Santarém* de três passos camonianos: ni, 74, III, 78, e vm, 19. Outro emprego do mesmo top. em ni, 80, deixa-o sem equivalência, pois onde Camões escreve:

Sabendo como o filho está cercado
 Em Santarém do mauro povo cegó,

limita-se a dizer, sem precisar o local do cerco :

Vt primum agnouit natum obsidione teneri
 horribili, et Mauros campo insultare patenti...

(1) V. Nicolau António, *op. cit.*, t. 1, pp. 440-442, e Diogo Barbosa Machado, *op. cit.*, t. 11, 2.^a ed., pp. 76-88.

(2) Também aqui actualizamos a grafia. Na ed. única da trad, de Macedo (*A Lusíada de Luj de Camões*, Lisboa, 1880; revista por António José Viale), lê-se *cujus* por *cuius*, *Et Florae* (maiúscula em princípio de verso), *Tu Tagus* (id.), e há uma vírgula supérflua depois de *Florae*.

Noutros lugares faz Macedo versões diferentes: *Scalabim*, ui, 743 *Scalabis arcem*, ui, 78; *Scalabim*, ui, 80; *moenia...* / *Scalabis*, vm, 19.

E, ao contrário de Faria, que sempre conta como breve a sílaba inicial da palavra, aproveita-se da quantidade duvidosa da mesma para a contar* umas vezes como breve (ui, 74, e ui, 80) e outras como longa (*cet. loe.* inclusive III,55).

tradutor desdobrou-a, de acordo com os elementos, em duas palavras latinas. Mas cumpre-nos reconhecer que tal construção, em que ao subst. *castrum*, entendido na acepção de «praça forte», se liga o gen. *Scalabis* (*illud memorabile / Scalabis antiquae castru?n=aa* célebre praça forte da antiga Santarém)), está fora da correção ou pureza clássica, em virtude do próprio uso da palavra *castrum*. E bem poderia aqui ter intervindo a revisão erudita e engenhosa do latinista Viale, se não para corrigir, ao menos para esclarecer (1).

E verdade que os dicionaristas, por via de regra, registam o sing, *castrum*, muito mais restrito que o pl. *castra*, no sentido de «lugar fortificado», «fortaleza», «praça forte». Assim faz, entre muitos outros (Freund, Quicherat, Benoist-Goelzer, Gaffiot, Lewis-Short, Ramorino, etc.), um dos mais autorizados do nosso tempo, K. E. Georges (2): «ein gegen feindliche Angriffe mit Mauern od. Schanzen umgebener Ort, das Kastell, Fort, die Festung...» Contudo, este sentido (3), que a palavra mantém como elemento toponímico, isto é, como parte de locuções que designam lugares (*Castrum Album*, *Castrum Mutilum*, *Castrum Nouum*, etc.) (4), so esporadicamente ela o apresenta, descontados exemplos assaz tardios (5), quando empregada como nome comum. Por isso a abonação se limita, em geral, a um passo de Cornélio Nepos, *Alc.*, 9, 3 (6); e o mesmo Georges não vai além de dois exemplos, esse de Cornélio e outro de Calístrato, *Dig.*, 27, 1, 7 (7). Quer isto dizer, afinal, que

(1) Dão muitos e valiosos esclarecimentos sobre o latim de Macedo as «Notulae» acrescentadas por Viale à ed. *á'A Lusíada* (pp. 417-474).

(2) *Ausfuhr, lat.-deutsch Handwörterb.*, s. u.

(3) Transmitido ao dim. *castellum*.

(4) Id., *ibid.* : «Öfter als *nom. prop.*, Castrum, v. Örtlichkeiten...»
Gf. Servio, *Ad Aen.*, vi, 7⁵: «castrum... ciuitas est, nam castra numero plurali dicimus.»

(5) V. *Thes.*, in, 561.

(6) Sobre este emprego de *castrum* diz terminantemente G. Córtese, *Vocabolario per le vite di Cornelio Nepote*, s. u. : «In questo senso, non s'usa in prosa [classica] che allorquando fa parte d'un nome proprio.»

(7) A adapt, italiana (F. Calonghi) do *Handwörterb.* de Georges cita o ex. de Nepos, mas omite o de Calístrato. Este último, notemo-lo de passagem, foi já reproduzido no *Thes. ling. Lat.* de R. Estienne e

ficamos reduzidos a um só exemplo de autor do período clássico, ou seja o daquele biógrafo: «Namque ei [Alcibiadi] Grynium [Pharnabazus] dederat, in Phrygia castrum, ex quo quinquagena talenta uectigalis capiebat.» Ora não parece que isto baste para abonar a construção *Scalabis · · castrum* do verso de Macedo, demais não sendo Cornélio autor de poesia, mas prosador, não constituindo a sua prosa seguro modelo de latinidade e não estando aquela construção precisamente no molde de *Grynium...*, in *Phrygia castrum*. Acresce que o passo cornéliano, embora há muito entendido como exemplo de *castrum* no sentido de «lugar fortificado», parece documentar, para Ernout e Meillet(i), não propriamente esse sentido, mas outro, porventura primitivo, o de «propriété gardée ou retranchée» (2), em conformidade com presumíveis sentidos de formas correspondentes do osco e do úmbrio. E, mesmo sem entrarmos na apreciação desta hipótese, é evidente que ela própria, pela dúvida que suscita, mais restringe o valor da referida abonação.

Pode objectar-se que não será justo exigir a Fr. Francisco Macedo, com relação ao emprego de *castrum*, informação e critério em parte impossíveis no seu tempo. Ainda assim, parece lícito impugnar um vocábulo que o célebre humanista, de qualquer modo que o justificasse, teria impossibilidade de abonar com exemplos provindos de textos poéticos. E não se julgue prejudicada esta impugnação por ocorrer o sing, *castrum* em algum raro verso de autor romano. Se é certo, p. ex., que Cícero, *Carm.*, frag. 32, 9, emprega tal sing. (*castrum hoc furiarum incolo*), não concorda, todavia, com esse emprego a

depois na obra congénere de Gesner, *Nov. ling. et erud. Rom. thes.* (Lipsiae, M.DCC.XLIX).

(1) *Diet. étym. de la 1. lat.*, s. u. Notamos de passagem que os A. A., citando Cornélio, pospõem *Grynium* a *dederat* e suprimem a vírgula entre o top. e a aposição (. ..ei dederat *Grynium in Phrygia castrum* .), 0 que não concorda com a leitura geralmente adoptada. A transcrição acima feita reproduz a redacção comum a muitas edições, p. ex., a de Fleckeisen (Teubner), a de Guillemain (Les Belles-Lettres), a de Córdese (Loescher) e, entre nós, a correctæ ed. de Epifânio Dias.

(2) Hipótese não considerada em Walde-Hofmann, *Lat. etym. Wörterb.*, onde o sing, *castrum* é apenas definido por «mit Mauern oder Schanzen umgebener Ort, F'ort».

construção de Macedo, porque a palavra está aí em sentido translato (1). E se é certo, por outro lado, que Plauto, frag, II, 56 (2), faz uso da mesma forma, também não pode este caso servir de comparação, porque o poeta cómico, ao dizer *castrum Pœjiŕum*(3), diz expressão congênere de muitas outras em que entra o pl. *castra*, u. g., *castra Etruscorum*, *castra Gallorwn*, *castra Samnitium* (4).

Ocorre-nos ainda outra observação: — Mesmo que o tradutor d Os *Lusiadas* quisesse fazer de *Scalabis* .. *castrum*, com certa liberdade, uma locução toponímica, no género daquelas em que a forma *castrum* e um complemento onomástico designam povoações (e não o quis, evidentemente, porque nesse caso não teria ligado a *Scalabis* o qualificativo *antiquae*), nem assim essa construção ficaria conforme com o puro classicismo. Na verdade, ao gen. do nome *Scalabis* seria sempre preferível, em expressão de bom molde clássico, a forma neutra do adj. correspondente (5), e portanto se escreveria com mais correcção *Scalabitanum*... *castrum*, ou melhor, *Scalabitanum*.. *Castrum*, com maiúscula inicial no subst. Não importa que Varrão tenha escrito *Castrum Mineruae*(6) e Virgílio *Castrum Inui*(7): num e noutro caso, tornava-se inevitável o gen. do mitónimo, por falta de adj. correspondente em latim clássico (8). Nem sequer interessa que para além do período

(1) V. *Thesui*, 563.

(2) Cit. por Servio, *Ad Aen.*, vi, 775. Cf. Lodge, *Lex. Plaut.*, s. u.

(3) Forcellini, *Tot. Lat. Lex.*, s. u., ainda leu *castrum poenarum*, atribuindo a *castrum* sentido translato.

(4) V. *Thes.*, in, 553.

(5) Já em Plínio, *Nat. hist.*, iv, 22 (35), ou seja no mesmo cap. onde se lê *Scalabis*: «Vniuersa prouincia diuiditur in conuentus tres, Emeritensem, Pacensem, Scalabitanum.»

(6) Cidade dos Salentinos. O ex. varroniano encontra-se em Probo, coment, a *Bucó*, 3!.

(7) Cidade dos Rútulos, entre Ardea e Ancio. *Castrumque Imii* na *Envi*, 775. mas simplesmente *Castrum* em Ovídio, *Met.*, xv, 727.

(8) *Inuus* nem mesmo no latim posterior dá adjectivos. *Minerua* dá *Minerualis* e *Mineruius*, mas ambas estas formas são tardias (Tertuliano, Arnóbio), se bem que o top. *Mineruium* (cidade do Lácio), usado por Tito Livio, XLV, !6, 5, e bem assim outro *Mineruium* (templo de Minerva),

antigo do latim tomem grande curso as locuções toponímicas formadas de *castrum* e do gen. de um nome próprio (1): elas só denunciam, como é óbvio, tendência nova do idioma romano. O que importa é que na boa latinidade, como elemento toponímico, aquele subst. se não combina normalmente com o gen. de um nome próprio, mas com um adj. correlato. Assim Tibulo, π, 5, 49, diz *Laurens Castrum* (2), e não *Laurenti Castrum*, tal como Cícero, antes dele, disse *Castrum Truentinum* (3), e não *Castrum Truenti*, ou como Plínio-o-Velho,, depois dele, diria *Castrum Iilium* (4), e não *Castrum Iulii*.

Em conclusão: Fr. Francisco Macedo, traduzindo *Scabellastro* por *Scalabis...castrum*, não usou linguagem castigada e própria de verso latino. E, como não seria recomendável, para o efeito, por lhe faltar ascendência clássica, o composto *Scalabicastrum* (5), nem tão-pouco, por exótica, a forma *Scalabiscus* (6), nem ainda, por destituída de nobreza literária, uma

usado por Varrão, *De ling. Lat.*, v, 8, § 47, correspondam teoricamente a um adj. em *-ins*.

(1) Muitos ex. em Freund.

(2) O mesmo que *Laurentum*, cidade do Lácio (*Castrum Laurens* em Varrão, segundo Sérvio, *Ad Aenix*, 7). Não é, por isso, muito própria a versão «le camp de Laurente» dada por M. Ponchont, *Tibulle et les auteurs du Corpus Tibullianum* (Les Belles-Lettres).

(3) Cidade do Piceno. *Ad Att.*, vin, 12, B.

(4) Cidade da Bética. *Nat. hist.*, hi, 1 (3).

(5) Não temos notícia de que o hajam empregado em verso humanistas portugueses.

(6) Não é derivado do lat. *Scalabis*, mas simples cópia de uma helenização deste mesmo: Σκαλαβίσ(κος), que se lê em Ptolemeu, 11, 5, 7. Cf. Pape, *Wörterb. der griech. Eigenn.*, 11.

Transmitida pelas versões latinas do texto ptolemaico (v., p ex., *Geographia... olim a Bilibaldo Pirckheimherio traslata*, Venetiis, M. D. LXII), a forma *Scalabiscus* não passou, todavia, ao uso literário. Limita-se em geral a empregos eruditos, designadamente de geógrafos e filólogos. Assim, entre os primeiros: Abrahamus Ortelius Antuerpianus, *Thesaurus geographicus* (Antuerpiae, M. D. XCVI); Christophorus Cellarius, *Notitia orbis antiqui* (Lipsiae, M. DCC. I); e entre os segundos: Ioannes Bellerus, *Dictionarium propriorum nominum* (Antuerpiae, M. D. LIII; anexo ao *Dictionarium Aelij Antonij Nebrissensis*, Antuerpiae, M. D. XLV); id., *Locorum neotericae ac vulgares appellationes* (apêndice do mesmo *Diet.*), s. u. *Santaren*; Sebastianus Stochamerus Germanus, *Dictionarium aliud*

forma decalcada no port. *Santarém*, u. g., *Sanctarena* (!) ou *Irenopolis* (2), — temos de reconhecer que só conviria, para equivaler à palavra camoniana, feitos os devidos ajustamentos métricos, ou o simples top. *Scalabis*, ou então, em versão mais livre, qualquer lícita combinação desse nome com um subst. adequado ao sentido: *Scalabis.. » arx* {3), *Scalabis.. moenia* (<), *Scalabis... oppidum* (5).

REBELO GONÇALVES

de propriis nominibus (Conimbricæ, M. D. LXIX; anexo ao *Dictionarium* de Jerónimo Cardoso, ed. de 1570); Bento Pereira, *Prosodia* (já cit.); Fr. Pedro de Poiares, *Diccionario Lusitanico-Latino de Nomes Proprios* (também já cit.).

(i) Não obstante a sua precária latinidade (e note-se que, para entrar num hexâmetro, obrigaria a admitir, muito artificialmente, alongamento da antepenúltima sílaba), há alguns empregos desta forma. Assim, no livro *De antiquitatibus Eboracæ*, anexo ao *De antiquitatibus Lusitaniae* de André de Resende (v. *Opera*, t. i, Conimbricæ, M. DCC. XQ), pode ler-se: «...Eboreses tunc Pacem Augustam convenisse, ut & Olyssipponenses Sanctarenam.» ; «...occupavitque Pacensem urbem, Eboram, Sanctarenam...» Também Jerónimo Osório, *De rebus Emmanuelis... gestis* (Coloniae Agrippinae, M. D. LXXVI), escreve a mesma forma, mas por necessidade de associar ao lat. *Scalabis* o nome vulgar correspondente: «...Scalabi, quae ciuitas nunc appellatur Sanctarena...» (l. 1) ; e por motivo análogo a emprega Damião de Góis, *Vrbis Olisiponis descriptio* {Eboracæ, 1554): «... oppidu Scalabis..... quod Plinius... praesidiu Iuliu olim vocatu testatur, nostri hodie Sactarenã vocât.»

(2) Um ex. em H. Scherer, *Tabellae geographicae* (Monachii, M. DCC. III). *Irenopolis* = «cidade de [Santa] Irene» coincide com a latinização de EipwreXiç = «cidade da paz», nome, segundo Pape, *op. cit.*, 1, de povoações da Cilícia e da Isáuria.

(3) O próprio Macedo, como já referimos, escreve *Scalabis arcem* em ui, 78.

(4) Cf. *moenia.. / Scalabis* também n^oA *Lusiada*, viii, 19.

(5) Nesta hipótese, *Scalabis* no mesmo caso de *oppidum*, segundo a sintaxe clássica. Cf. *oppidum Genabum* (César, *B. Gvu*, 11, 4), *oppidum Alesia* (id., *ibid.*, vu, 69, i), *in oppido Mineruio* (Livio, xlv, 16, 5), etc.